

**OS ACESSÓRIOS AFIADOS DA PUTINHA TERRORISTA:
MODA, GÊNERO E AUTODEFESA EM LYZ PARAYZO**

*The Terrorist Little Bitch's sharp accessories:
Fashion, gender and self-defense in Lyz Parayzo*

*Los accesorios afilados de la Putita Terrorista:
Moda, género y defensa personal en Lyz Parayzo*

Emerson Silva Meneses¹

Martin Jayo²

1 Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da mesma instituição, pesquisador do grupo ECOAR - Estudos em Corpo e Arte. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1427007709160950>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1788-5111>; e-mail: emerson.meneses@usp.br.

2 Professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9105014250584354>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0241-9687>; e-mail: martin.jayo@usp.br.

RESUMO

O objetivo é examinar produções recentes da multiartista brasileira Lyz Parayzo que envolvem joalheria e outros objetos vestíveis. O foco específico da análise é a série de *flyers* intitulada “Putinha Terrorista” (2016-2018). Analisam-se os textos e imagens fotográficas incluídas nos *flyers*, em especial quando objetos vestíveis de autoria da própria artista aparecem como elementos de figurino. A análise evidencia a maneira como Lyz Parayzo faz intenso uso de códigos da Moda para produzir uma arte ativista em prol da população transvestigênera. A contribuição do estudo decorre do fato de não haver, até onde pudemos avaliar, pesquisas que tenham analisado a obra de Lyz Parayzo especificamente pela perspectiva da Moda.

Palavras-chave: Ativismo artístico; Objetos vestíveis; Dissidência de gênero.

Abstract

The objective is to examine recent productions by Brazilian multiartist Lyz Parayzo that involve jewelry and other wearable objects. The specific focus of the analysis is the series of flyers entitled “Putinha Terrorista” (2016-2018). The texts and photographic images included in the flyers are analyzed, especially when wearable objects created by the artist herself appear as costume elements. The analysis highlights the way in which Lyz Parayzo makes intense use of Fashion codes to produce an activist art in favor of the transvestite/transgender population. The contribution of the study stems from the fact that, as far as we could evaluate, no research has analyzed the work of Lyz Parayzo specifically from the Fashion perspective.

Keywords: Art activism; Wearable objects; Gender dissent.

Resumen

El objetivo es examinar producciones recientes de la multiartista brasileña Lyz Parayzo que involucran joyas y otros objetos vestibles. El foco específico del análisis es la serie de volantes titulada “Putinha Terrorista” (2016-2018). Se analizan los textos e imágenes fotográficas incluídas en los volantes, especialmente cuando aparecen como elementos de vestuario objetos vestibles de la propia artista. El análisis destaca la forma en que Lyz Parayzo hace uso intenso de códigos moda para producir un arte activista en favor de la población transvestigênera. El aporte del estudio radica en que, hasta donde hemos podido evaluar, no existe ninguna investigación que haya analizado la obra de Lyz Parayzo específicamente desde la perspectiva de la Moda.

Palabras clave: Activismo artístico. Objetos vestibles. Disidencia de género.

1 INTRODUÇÃO

Lyz Parayzo (Rio de Janeiro, 1994) é uma artista brasileira, atualmente radicada na França, que vem ganhando destaque nacional e internacional pelas discussões que promove sobre as dissidências sexuais e de gênero, a cisnormatividade e, em especial as violências sofridas no Brasil pela população transvestigênera³. Seus trabalhos integram atualmente coleções de importantes instituições brasileiras, como o Museu de Arte do Rio (MAR), o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói).

Sobretudo em fases mais recentes, a partir de 2016, seu trabalho artístico tem se baseado na criação de joias, acessórios e outros objetos vestíveis, em claro diálogo com a linguagem de moda. Apesar desse diálogo, embora a obra da artista venha atraindo crescente atenção de pesquisadores – a exemplo de Queiroz e Moss (2017), Tinoco (2019) e Ferreira (2019) – ainda não se desenvolveram trabalhos que a analisem especificamente pela perspectiva da Moda. Diante disso, o objetivo do presente artigo é discutir parte da produção recente de Lyz Parayzo a fim de examinar como a artista faz uso de códigos da Moda para produzir sua arte.

Como justificaremos adiante, elegemos como foco principal da análise uma obra em particular, denominada “Putinha Terrorista”. Trata-se de uma série de panfletos, ou *flyers*, distribuídos por meio de performances em galerias e espaços de arte, sobretudo nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro (Figura 1).

3 Transvestigênera, bem como sua variação transvestiagênera, são termos cunhados por ativistas LGBTQIA+, que vem sendo empregados para reunir em uma só denominação as identidadesdesdes de pessoas trans, travestis e agêneras.

Figura 1 – Distribuição de *flyers* da série Putinha Terrorista (Rio de Janeiro, 2017)



Fonte: Imagem divulgação, reproduzida de <https://cargocollective.com/lyzparayzo>

Para desenvolver a discussão aqui proposta, o presente artigo se organiza em duas seções principais, além desta Introdução e das Considerações Finais. A primeira seção tem por objetivo traçar um breve panorama da produção da artista com destaque para o período de 2016 em diante, em que se dá um maior diálogo com a Moda. A segunda analisa mais especificamente os códigos de Moda presentes na obra Putinha Terrorista, e para tanto são analisados os textos e imagens fotográficas presentes nos *flyers*, em especial naqueles em que objetos vestíveis de autoria da própria artista aparecem como elementos de figurino.

2 DAS BIXINHAS À PUTINHA TERRORISTA: TRAJETÓRIA DE LYZ PARAYZO

Natural de Campo Grande, bairro periférico do município do Rio de Janeiro, Lyz Parayzo tem formação em teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e em artes visuais pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage, também no Rio. Atualmente vive e estuda na França cursando mestrado na *École Nationale des Beaux-Arts* de Paris. Sua produção artística já transitou por diferentes linguagens, como a performan-

ce, o audiovisual, a escultura e, mais recentemente, a joalheria. Essas diferentes frentes de atuação têm como elemento unificador o uso do próprio corpo da artista, e mais especificamente da sua performatividade de gênero, como ferramenta de pesquisa. De origem negra e periférica e designada como homem ao nascer, Lyz Parayzo se identifica como uma pessoa trans não-binária, e produz uma arte com forte sentido político originado dessa sua identidade, e das vivências de discriminação resultantes.

Uma visão panorâmica da trajetória artística de Lyz, englobando suas diferentes fases, é fornecida, por exemplo, por Queiroz e Moss (2017). No presente trabalho, como já mencionado, interessa-nos em específico a produção mais recente, em que a artista dialoga mais fortemente com códigos da Moda. O ponto de partida deste período é a série de trabalhos intitulada “Bixinhas” (figura 2), constituída por objetos escultóricos em alumínio por meio dos quais Lyz Parayzo promove uma releitura da famosa série de esculturas “Bichos”, de Lygia Clark (1920-1988).

Figura 2 – Escultura da série Bixinhas. Alumínio, 15 x 15 x 15 cm, 2018



Fonte: Imagem divulgação, reproduzida de <https://cargocollective.com/lyzparayzo>

O jogo de palavras na criação do nome, junto com o aspecto cortante destes objetos, são uma referência à necessidade de autodefesa por parte de minorias LGBTQIA+. Se os Bichos de Lygia Clark chamam à interatividade e são concebidos para serem tocados (LATTAVO, 2020), as Bixinhas de Lyz Parayzo intentam repelir a aproximação e o toque: são concebidas como arma ou equipamento de autodefesa, necessário para resistir às

violências sofridas cotidianamente. Produzida por volta de 2018, esta série de trabalhos da jovem artista obteve rápido reconhecimento e visibilidade pública. Em 2019, uma das peças foi incorporada ao acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP)⁴, e exposta na mostra “Histórias feministas: artistas depois de 2000” (PEDRISA; RIEILLE; LEME, Org., 2019). Em anos seguintes, bixinhas de Lyz Parayzo seriam incluídas em exposições também no Instituto Moreira Salles (IMS Paulista), na Pinacoteca do Estado de São Paulo e em outros espaços expositivos.

Uma segunda série de trabalhos, criada como desdobramento das Bixinhas, recebeu o nome de “Próteses Bélicas”. Aqui, Lyz Parayzo cria acessórios, joias e outros objetos vestíveis que igualmente remetem às opressões e violências dirigidas a todos aqueles dissidentes à cisheteronorma, e sobretudo à população transvestigênera. Estão presentes o “bracelete-lança”, a “unha-navalha”, o “colar-concertina”, entre outros. Além do alumínio (figuras 3 e 4), já empregado antes em “Bixinhas”, algumas das peças desta série são confeccionadas também em prata, por vezes banhadas em ouro ou cravejadas de *strass*, e apresentadas em elegantes estojos (figuras 5, 6 e 7). As próteses bélicas são, enfim, objetos que “ao primeiro olhar, demonstram requinte em sua combinação, estilo e estética, mas que, na verdade, servem como um ornamento de autodefesa” (FERREIRA, 2019, n.p.).

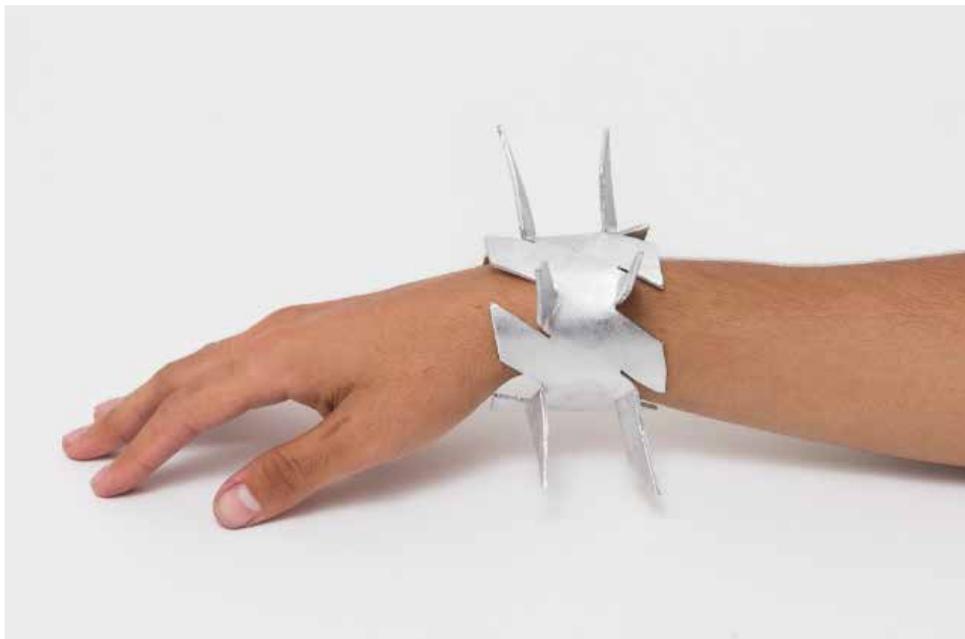
Figura 3 – Gargantilha-lança e top dentado, objetos em alumínio da série Próteses Bélicas, 2018



Fonte: Imagem divulgação, reproduzida de <https://cargocollective.com/lyzparayzo>

⁴ Registro disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/bixinha>.

Figura 4 – Bracelete-lança, objeto em alumínio da série Próteses Bélicas, 2018



Fonte: Imagem divulgação, reproduzida de <https://cargocollective.com/lyzparayzo>

Figura 5 – Anel bixinha, objeto em alumínio da série Próteses Bélicas, 2018



Fonte: Imagem divulgação, reproduzida de <https://cargocollective.com/lyzparayzo>

Figura 6 – UnhaNavalha #1, objeto da série Próteses Bélicas, 2016



Fonte: Imagem divulgação, reproduzida de <https://cargocollective.com/lyzparayzo>

Figura 7 – UnhaNavalha #2, objeto da série Próteses Bélicas, 2017



Fonte: Imagem divulgação, reproduzida de <https://cargocollective.com/lyzparayzo>

Há, por fim, uma terceira e mais recente série de trabalhos, derivada das duas anteriores, que recebeu o nome de “Putinha Terrorista”, a qual elegemos como objeto mais

específico para a análise. Trata-se de uma série de diferentes *flyers* (panfletos) impressos em papel *couché*, medindo 10 por 14 centímetros, que Lyz Parayzo criou a partir da estética e dos padrões de composição e diagramação dos panfletos usados em muitas cidades brasileiras para a divulgação de serviços de prostituição.

Os panfletos originais, de prostituição, costumam conter uma fotografia da pessoa que oferece trabalho sexual, acompanhada de uma descrição dos serviços (modalidades sexuais) oferecidos e de um telefone ou endereço para o estabelecimento de contatos (figura 8).

Figura 8 – Panfletos de serviços sexuais que inspiraram a série “Putinha Terrorista”



Fonte: Pastoral da Mulher de Belo Horizonte (2012)

No trabalho de Lyz Parayzo, o esquema é reproduzido: a artista aparece retratada em poses, vestimentas e enquadramentos que lembram os daqueles panfletos. Os serviços metafóricos anunciados nos *flyers* de Lyz Parayzo, porém, não são de natureza sexual, mas política: oferecem-se “serviços” como os de “guerrilha travesti”, “aulas de feminismo”, “hackeamentos para distribuição de renda”. Também estão presentes, assim como nos panfletos que inspiraram a obra, telefones e endereços de contato – neste caso, de conhecidas galerias e espaços de arte de São Paulo e do Rio de Janeiro (Figura 9).

Figura 9 – Série de flyers “Putinha Terrorista”, 2016-2018



Fonte: imagens divulgação

Em parte dos flyers (mais especificamente, nos três dispostos na parte inferior da figura 9) Lyz aparece usando, mesclados com outros itens de figurino, as suas próprias obras da série “próteses bélicas”, isto é, joias de metal e objetos vestíveis. É principalmente nesses três flyers que se concentra a análise apresentada a seguir.

3 OS ACESSÓRIOS AFIADOS DA PUTINHA TERRORISTA: ANÁLISE DOS FLYERS

Nos diversos flyers da série Putinha Terrorista, a imagem estampada da artista remete – assim como nos panfletos de prostituição – a uma imagem estereotipada de beleza e sensualidade, historicamente imposta aos corpos femininos. Naomi Wolf, autora feminista estadunidense, mostra que a reprodução fotográfica desse estereótipo é tão antiga quanto a própria fotografia, sendo praticada desde o século XIX em cartões postais sensuais, e na publicidade. “Na década de 1840”, a autora complementa, “foram tiradas as primeiras fotografias de prostitutas nuas” (WOLF, 2021, p.28). Fotografias das quais, certa-

mente, os panfletos atuais de serviços sexuais, que inspiraram Lyz Parayzo, são uma das múltiplas atualizações.

Se a imagem de Lyz em seus *flyers* remete a essa cadeia de referências, os “serviços” políticos anunciados neles permitem uma conexão com a pesquisadora transgênero brasileira Jota Mombaça e sua ideia de “redistribuição social das violências”. Mombaça nos ensina, sobre a violência sofrida por minorias, que

É tudo parte de um projeto de mundo, de uma política de extermínio e normalização, orientada por princípios de diferenciação racistas, sexistas, classistas, cissupremacistas e heteronormativos, para dizer o mínimo. Redistribuir a violência, nesse contexto, é um gesto de confronto, mas também de autocuidado. Não tem nada a ver com declarar uma guerra. Trata-se de afiar a lâmina para habitar uma guerra que foi declarada à nossa revelia, uma guerra estruturante da paz deste mundo, e feita contra nós. Afinal, essas cartografias necropolíticas do terror nas quais somos capturadas são a condição mesma da segurança (privada, social e ontológica) da ínfima parcela de pessoas com status plenamente humano do mundo (MOMBAÇA, 2017, p. 306).

É disso que trata a série de *flyers*: a “putinha” personificada por Lyz Parayzo reproduz os estereótipos sexuais femininos impostos pelo projeto de mundo da sociedade hegemônica, mas é “terrorista” ao não fazê-lo pacificamente, ou sem reação. Ela devolve e redistribui a essa mesma sociedade o tratamento hostil dispensado a grupos minorizados.

É assim que, em um dos *flyers* da série (figura 10), ela usa um fio dental e um *top*, peças de vestuário convencionalmente associadas à sensualidade e à objetificação do corpo feminino, inclusive o corpo travesti. O *top*, porém, é cortante, dentado, metálico: se de um lado atende ao estereótipo, de outro se constitui como um afiado instrumento de contestação e de devolução das agressões sofridas pelo corpo que o veste. E, junto com este “top dentado”, o *look* da “putinha terrorista” inclui também três outros acessórios cortantes: uma gargantilha (a “gargantilha-lança”), um bracelete (o “bracelete-lança”) e ainda o “popcretinho”, objeto da série Bixinhas usado à guisa de leque.

Figura 10 – flyer da série “Putinha Terrorista”



Fonte: imagem divulgação

Assim como o *top*, estes três acessórios – gargantilha, bracelete e leque – são itens comumente associados à feminilidade. São ainda, historicamente, signos de refinamento e distinção de classe. No Brasil, o leque esteve presente desde o período colonial no guarda-roupa da mulher rica, como lembra Emanuel Araújo (2013, p. 54). Na releitura de Lyz Parayzo, ele é tornado também arma de luta, metálica e cortante. Poderíamos interpretar essa releitura a partir da intelectual feminista Anne McClintock, que afirma que “as roupas são os signos visíveis da identidade social, mas estão permanentemente sujeitas ao desarranjo e ao roubo simbólico” (McCLINTOCK, 2010, p. 112). A “putinha terrorista” de Lyz Parayzo, ao usar gargantilha, bracelete e leque ressignificados em armas, promove o roubo simbólico de que fala a autora, usando desses objetos tão tradicionais na moda feminina para exigir que a sociedade cisnormativa ao menos reflita sobre seus preconceitos e cis-violências.

Essa ambivalência dos itens de moda cortantes de Lyz Parayzo está presente também em outros, largamente discutidos na historiografia da moda. É o caso do *corset*, peça que carregou durante muito tempo uma imagem de opressão sobre corpos femini-

nos. A discussão artística proposta por Lyz para o *top*, o bracelete, a gargantilha e o leque guarda alguma semelhança com visão acadêmica de autores como Kunzle ([1982] 2013), Steele (1985, 1996) e Entwistle (2000) a respeito da dupla narrativa presente no uso do *corset*. Com suas amarrações, esta peça também teria feito parte da expressão sexual de mulheres na era vitoriana: muitas delas teriam valorizado a sensação de constrição que aquela peça produzia, proporcionando excitação sexual. Seu uso, então, era uma “prática sexualmente expressiva, até mesmo libertadora, especialmente para as mulheres, pois representa uma alternativa à feminilidade assexuada que dominou a cultura vitoriana” (ENTWISTLE, 2000, p. 196). A ambivalência no uso do *corset* é reconhecível no top dentado, que concomitantemente repele e atrai, agride e convida.

No *flyer* seguinte (figura 11), Lyz traça vermelho e exibe um escudo metálico com forma de estrela, além dos seus “brincos-bixinha”, confeccionados em prata. O visual da artista é complementado por cabelos loiros, olhos e sobrancelhas fortemente maquiados, batom vermelho, meia arrastão e botas de salto. Lyz ironiza e relê os estereótipos do corpo feminino adornado para a sedução: ela se adorna, mas ao fazê-lo emprega signos (como a cor vermelha, que ressalta na composição) que remetem tanto à sedução feminina como ao campo político da esquerda. “Bixas, travestys e sapos da América Latina, uni-vxs!”, conclama o texto do *flyer*, parodiando a célebre frase do Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels (1986, p. 45). O escudo, por sua forma, alude por sua vez a um conhecido símbolo do campo partidário brasileiro de esquerda. Ele aparece descrito no texto do *flyer* como um apetrecho bélico para a “luta armada contra o fascismo”. Pode ser lido também como arma contra a violência de gênero e o transfeminicídio, em um país em que, com frequência, “a motivação da violência advém do gênero” (BENTO, 2017, p. 232). A “putinha terrorista” deste *flyer*, em suma, se veste, adorna e maquia citando conhecidos signos de moda que objetificam o corpo feminino, mas ao mesmo tempo o faz como maneira de fortalecimento, resistência e luta política, numa inversão e ressignificação desses mesmos signos.

Figura 11 – flyer da série “Putinha Terrorista”

Lyz Parayzo
PUTINHA COMUNISTA
A NOVA ÉGUA DO APOCALIPSE

*Estamos em guerra!
Bixas, Travestys e Sapas da
América Latina Uni-vxs!*

Serviços da comuna cuir:

- Aulas sobre feminismo e ideologia de gênero.
- Distribuição de jóias e apetrechos bélicos para autodefesa e luta armada contra o Fascismo.
- Construções de manuais para execução de críticas institucionais a partir de ações estéticas e políticas.
- Exercícios de transfiguração dos imaginários que naturalizam a objetificação de corpos não brancos e não (cis-hetero) normativos.
- Táticas de infiltração e repolitização das narrativas hegemônicas a partir das experiências do corpo.

Mais informações:
(11)3397-4002
Rua Vergueiro, 1000 - Liberdade, São Paulo

Fonte: imagem divulgação

No último *flyer* analisado (figura 12), uma “arma dura para unhas” é o produto anunciado, descrito como um “apetrecho para sobrevivência em sociedades patriarcais, uma joia bélica para corpos bélicos”. Seu sentido é apreendido na observação da imagem, em que fica claro que “arma dura” se refere tanto a uma simbólica armadura, vestimenta bélica imprescindível para a autodefesa da travesti, quanto ao seu órgão sexual, que com frequência também é sua arma na batalha travada nas ruas por sobrevivência.

Figura 12 – flyer da série “Putinha Terrorista”

Lyz Parayzo
 a putinha terrorista

contra o macho-astral

Rua Gonçalves Ledo 11 e 17, centro



UnhaNavalha #1 - experiência n2

Arma dura para unhas/cor
 Apetrecho para sobrevivência em
 sociedades patriarcais, uma jóia bélica
 para corpos bélicos

preço sob consulta

(21) 2222 - 1651

Fonte: imagem divulgação

Este é o único flyer em que a artista não aparece de corpo inteiro. Mostra-se apenas o essencial para dar sentido ao jogo de palavras. Na parte visível de seu corpo, Lyz veste meias sete oitavos pretas, e uma saia curta na mesma cor, que se encontra levantada de forma a deixar à vista a genitália. Em uma das mãos, com unhas longas e pintadas de claro, ela empunha uma gilete, enquanto na outra exhibe sua joia denominada “UnhaNavalha #1”. Falo, gilete, navalha, saia curta, meia sexy: estão reunidas na foto as armas mais usuais das travestis sujeitas à prostituição, em sua guerra por sobrevivência nas ruas. Lyz dialoga assim com a memória de dois instrumentos largamente utilizados no Brasil como arma protetiva por travestis marginalizadas, e os traz para a linguagem da Moda. A navalha é há muitas décadas um recorrente instrumento de defesa, como ilustrado, por exemplo, em Morando (2020). Quanto à gilete, Quinalha (2021) relata como, a partir da década de 1980, com o advento da epidemia de aids, muitas travestis, quando abordadas por policiais, tinham por prática usá-la para automutilar-se, uma vez que o contato com sangue repelia e

evitava que fossem arrastadas para os camburões. João Silvério Trevisan (2018) complementa:

às vezes até coletivamente, nas celas ou em delegacias, praticavam cortes nos próprios pulsos, braços, pescoços e até órgãos genitais, com pedaços de gilete cuidadosamente metidos debaixo da língua. Era assim que conseguiam ser transferidos [sic] para hospitais, de onde podiam sair com mais facilidade (TREVISAN, 2018, p. 385).

Vê-se assim, nos três *flyers analisados*, a maneira como elementos ou itens de moda – entre os quais se incluem diferentes acessórios e objetos vestíveis criados pela própria artista – são empregados para dar visibilidade a uma importante e histórica pauta política, relacionada aos direitos de cidadania de um grupo minorizado. Nessa mobilização da Moda para produzir arte, Lyz Parayzo certamente corrobora o que aponta a socióloga Diane Crane, a respeito de um crescente diálogo entre esses dois campos: “A arte e a moda – que eram, no passado, bem distintas enquanto conceitos sociológicos – estão se tornando mais parecidas. A recepção de novas obras de arte está se assemelhando à de novas tendências de moda” (CRANE, 2011, p.130).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão das seções anteriores está longe de compreender toda a obra de Lyz Parayzo. Por intermédio dela, contudo, tivemos acesso a diferentes trabalhos da produção recente da artista – as séries “Bixinhas”, “Próteses Bélicas” e “Putinha Terrorista” – a fim de verificar como a linguagem da moda é mobilizada em uma produção artística profundamente política e ativista.

Se uma conclusão é possível, a análise nos mostra como Lyz Parayzo não cria objetos de moda para o mundo da arte, tampouco arte para o mundo da moda, mas produz uma arte e uma moda que se complementam e se fortalecem mutuamente como instrumento de ativismo político. Ela desenha e produz artefatos que tanto podem ser vestidos – como bracelete ou brinco, por exemplo – como também expostos (e o têm sido em mostras de instituições relevantes como MASP, IMS, etc.), e cuja apreciação é instigada de diferentes formas – como na realização de performances, por meio da distribuição de panfletos – sempre a serviço das reivindicações da população transvestigênere, tão sujeita a processos de marginalização, preconceito estrutural e violência. Ao fazer isso, evidencia e reforça o papel político da Moda e de seus códigos no combate a esses processos.

A análise aqui apresentada certamente tem limitações, a principal delas sendo, talvez, o fato de ter-se circunscrito à apreciação visual das obras. Os achados e a discussão aqui apresentados poderiam ser certamente enriquecidos ouvindo-se a percepção da própria artista, e mesmo de seu público. Está aí um possível caminho de continuidade para esta pesquisa, que está apenas iniciada.⁵

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

CRANE, Diana. **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**. São Paulo: Senac, 2011.

ENTWISTLE, Joanne. **The fashioned body**: fashion, dress, and modern social theory. UK: Polity Press, 2000.

FERREIRA, Debora Armelin. A arte como arma em território hostil: enfrentamentos nas produções de Lyz Parayzo. **Cidades, Comunidades e Territórios**, Lisboa, n. 39, p.1-17, 2019.

KUNZLE, David. **Fashion and Fetishism**: Corsets, Tight-Lacing and Other Forms of Body-Sculpture. London: The History Press, 2013.

LATTAVO, Patrícia. A participação do espectador: de Lygia Clark à contemporaneidade. **O Fermento Revista**, 02 dez. 2020. Disponível em: <http://ofermentorevista.com.br/2020/12/02/100-anos-de-lygia-clark/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global Editora, 1986.

McCLINTOCK, Annie. **Couro Imperial**: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência! In: PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (Org.). **Histórias da sexualidade**: antologia. São Paulo: Edições MASP, 2017. p. 301-310.

MORANDO, Luiz. **Enverga mas não quebra**: Cintura Fina em Belo Horizonte. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2020.

⁵ Brune Carvalho. Doutora em Língua e Literatura Francesa pela USP, com estágio realizado na Biblioteca Nacional da França, onde pesquisou o tema da escuta na literatura. Tradutora, revisora e crítica literária, integra hoje a equipe do Centro Cultural Literário Escrevedeira, ministrando oficinas de escrita criativa e cursos de literatura. email: bdecarvalho7@gmail.com

PASTORAL DA MULHER DE BELO HORIZONTE (2012, nov. 30). **A propaganda da prostituição perante a legislação penal.** Disponível em: <http://pastoraldamulherbh.blogspot.com/2012/11/a-propaganda-da-prostituicao-perante.html>. Acesso em: 10 jun. 2022.

PEDROSA, Adriano; RJEILLE, Isabella; LEME, Mariana (Org.). **Histórias das mulheres, histórias feministas.** São Paulo: Edições MASP, 2019.

QUEIROZ, Tania; MOSS, Angela. Lyz Parayzo: artista do fim do mundo. **Performatus**, Inhumas, vol. 5, n. 17, n.p., 2017.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes:** a ditadura e a repressão à comunidade LGBT. São Paulo: Cia. das Letras, 2021.

STEELE, Valerie. **Fashion and eroticism:** ideals of feminine beauty from the victorian era through the aazz age. Oxford: Oxford University Press, 1985.

STEELE, Valerie. **Fetish:** fashion, sex & power. Oxford: Oxford University Press, 1996.

TINOCO, Bianca. “Eu sou o melhor que eles têm”: a potência de Lyz Parayzo, puta-pornô-terrorista. **Anais do XXXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte**, Florianópolis, 2019.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

Data de submissão: 14/06/2022

Data de aceite: 27/08/2022

Data de publicação: 19/09/2022

